

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA-GRAUS LICENCIATURA E
BACHARELADO

HELEN REGINA SANTOS VITORINO

**ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO GTT-GÊNERO DO CONGRESSO
BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE) ENTRE 2015 À 2019**

UBERLÂNDIA
2020

HELEN REGINA SANTOS VITORINO

**ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO GTT-GÊNERO DO CONGRESSO
BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE) ENTRE 2015 À 2019**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina TCC 2 do curso de Educação Física Curso de Graduação em Educação Física – Graus Licenciatura e Bacharelado da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU) como requisito obrigatório para sua conclusão.

Orientador: Prof. Dr. Vagner Matias do Prado

UBERLÂNDIA

2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vagner Matias do Prado
ORIENTADOR

Profª. Dra. Marina Ferreira de Souza Antunes
FAEFI/UFU

Profª. Esp. Alessandra Lo Gullo Nogueira
GPESP

Helen Regina Santos Vitorino
CANDIDATA

Dedico esta monografia em primeiro lugar a Deus, que me deu saúde e forças para superar todos os momentos difíceis a que eu me deparei ao longo da minha graduação. Ao meu pai, que onde esteja, está torcendo pela minha vitória, a minha mãe que sempre me apoiou em tudo, a minha irmã que sempre tem uma palavra amiga para não desistir. A todos os amigos(as) que direto ou indiretamente contribuíram nessa caminhada acadêmica.

“O objetivo da
educação é criar
homens e mulheres
capazes de fazer coisas
novas”.

Jean Piaget

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha existência, por ter chegado até aqui com saúde. Por ter me dado força nas dificuldades da vida e me fortalecer sempre.

Agradeço ao meu pai Carlos, que de onde estiver, está torcendo e apoiando, a minha mãe Maria Regina que sempre me apoia e dá força para enfrentar os obstáculos de uma Graduação, tendo que trabalhar, fazendo jornadas duplas e não medindo esforços para que eu consiga completar mais esta etapa da minha vida. Obrigada por ser sempre essa mãe, a melhor mãe do mundo.

Agradeço a minha irmã Francielen por sempre acreditar e me fazer me sentir a melhor irmã do mundo, sempre me colocando para cima, sendo o exemplo de luta e coragem para todas as suas amigas.

Agradeço a minha família e amigos que sempre acreditaram no meu potencial e deram força e me encorajaram para entrar nessa fase da vida, com uma idade mais avançada, apesar dos contratempos da vida. Aos amigos que me ajudaram desde a entrega dos documentos, aos que me ajudaram e ajudam durante essa caminhada, obrigada por acreditarem e me incentivarem na busca do meu sonho.

Agradeço aos professores, em especial ao professor Vagner Matias do Prado, que contribuíram para o meu crescimento acadêmico, auxiliando na construção da profissional que busco me tornar, sendo meus exemplos.

Agradeço a banca examinadora por aceitar participar desta etapa importante da minha formação acadêmica, pelos apontamentos, por acreditar na importância do trabalho científico.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. OBJETIVOS.....	12
3. REVISÃO LITERATURA.....	13
3.1 Capítulo 1: Sexualidade: conceitos e percurso histórico da introdução do tema nas escolas.....	13
3.2 Capítulo 2: Educação Sexual nas aulas de educação física na educação básica.....	19
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
5. RESULTADOS.....	26
6. DISCUSSÃO.....	30
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

RESUMO

ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO GTT-GÊNERO DO CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE) ENTRE 2015 À 2019

O presente trabalho buscou problematizar a educação sexual como conteúdo da Educação Física escolar. O objetivo geral foi analisar a produção científica (trabalho completo, resumo expandido e resumo simples), sobre educação sexual nas aulas de Educação Física publicizados pelo Grupo de Trabalho Temático Gênero, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, publicados nos anais das edições do Congresso Brasileiros de Ciências do Esporte (Conbrace), entre os anos de 2015 e 2019. Para tal, utilizamos a pesquisa documental de abordagem qualitativa e selecionamos os trabalhos no anais do citado evento em suas três últimas edições. Como resultados encontramos 12 trabalhos sobre a temática. Referem-se a diferentes temas relacionados à sexualidade, tais como: trabalhos que discutiram o tema sexualidade a partir dos clássicos da educação física; propostas que visaram trabalhar gênero e sexualidade como conteúdos específicos das aulas; trabalhos que representaram a sexualidade na visão dos direitos humanos e reconhecimento das diferenças; trabalhos sobre a representação de professores/as sobre as temáticas de sexualidade e gênero. Cabe destacar que poucos apresentam possibilidades para desenvolver a sexualidade como conteúdo específico das aulas de Educação Física na educação básica.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Educação Sexual; Gênero; Conbrace.

ABSTRACT

ANALYSIS OF THE SCIENTIFIC PRODUCTION ON SEX EDUCATION IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES OF GTT-GENDER OF THE BRAZILIAN CONGRESS OF SPORTS SCIENCES (CONBRACE) sinc 2015 to 2019

This study aimed at problematizing sex education as content of School Physical Education. The general objective was to analyze the scientific production on sex education in Physical Education classes published by the Thematic Working Group Gender, of the Brazilian School of Sports Sciences, published in the annals of the editions of the Brazilian Congress of Sports Sciences(Conbrace), between the years 2015 and 2019. In order to reach our goal, we used the documentary research of qualitative approach and selected the works in the annals of the aforementioned event in its last three editions. As results we found 12 works conducted on the theme. They refer to different themes related to sexuality, such as: works that discussed sexuality based on the classics of Physical Education; proposals that aimed to work gender and sexuality as specific contents of classes; works that represented sexuality in the view of human rights and recognition of differences; works on the representation of teachers on the themes of sexuality and gender. It should be noted that only a few of such works display possibilities for developing sexuality as a specific content in Physical Education classes in Basic Education.

Keywords: School Physical Education; Sex Education; Gender; CONBRACE.

1 INTRODUÇÃO

Parar para pensar o que me levou a estudar e pesquisar a temática de gênero e sexualidade na escola, remeto-me a minhas experiências durante as disciplinas relacionadas aos estágios supervisionados, cursados durante o processo de formação em Educação Física. Nesse sentido, pude experienciar alguns conflitos enfrentados pelas pessoas, nos quais me deparei, quando do estágio no Ensino Médio, com alunos na adolescência, passando por transformações tanto internas quanto externas relacionadas ao tema sexualidade.

Tais experiências fizeram com que levantasse algumas dúvidas e questionamentos sobre as temáticas em tela, tais como: a escola está preparada para discutir o tema sexualidade com os estudantes? Os profissionais de educação física estão preparados para falarem sobre o assunto?

Mesmo esses assuntos estando dentro dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), eles vêm sendo trabalhados? Ressaltando que o mesmo foi promulgado no ano de 1997.

Por meio dessas vivências pude perceber que esses assuntos são, em muitos casos, ignorados pela comunidade escolar que, ao contrariarem documentos educacionais normativos, se omitem frente ao assunto. Percebo também que valores conservadores afetam a educação e coíbem que o conhecimento possa ser transmitido para as demais pessoas. Esses (des)conhecimentos são emitidos no sentido de alegar que o ato de discutir e refletir sobre gênero e sexualidade estaria “influenciando” as crianças e jovens a aderirem “práticas sexuais”.

No entanto, temos que entender que um dos papéis da escola é formar cidadãos críticos e capazes de contribuir para o desenvolvimento social. Na qual essa construção é contínua para a formação de um adulto capaz de contribuir com a sociedade ao seu redor. Nesse sentido, a Educação Física, como componente curricular da educação básica, deve assumir a responsabilidade de ensinar conhecimentos científicos a partir das diretrizes legais que, de certa forma, organiza o seu currículo. Visto que o trabalho com a sexualidade é preconizado pelos temas transversais. Também é dever dos professores de educação física inserirem os temas relacionados à sexualidade humana em suas aulas.

Visto que o planejamento das aulas de educação física nas escolas necessita de conhecimentos científicos sobre os conteúdos a serem abordados, é preciso buscar fundamentos reconhecidos na comunidade científica da área. O Colégio Brasileiro de Ciências

do Esporte (CBCE) se caracteriza por ser uma entidade científica que congrega pesquisadores da área da Educação Física/Ciências do Esporte no Brasil. Bianualmente, organiza o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) que objetiva publicizar a produção científica produzida pela área. De acordo com Dornelles, Schwengber e Wenez (2017, p. 31) “[...] este evento reúne, localiza e expressa os debates científicos realizados por pesquisadores/as que alimentam e atualizam a área da Educação Física.”. Também edita as revistas Revista Brasileira Ciências do Esporte e Cadernos de Formação RBCE, estando entre os principais grupos de colaboradores da área científica para a busca de conteúdos com valores e embasamentos teóricos científicos para a Educação Física.

O CBCE teve início das suas atividades no ano de 1978 com o primeiro Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Seus/suas pesquisadores(as) vem produzindo conhecimento científico em diferentes áreas da Educação Física e Ciências do Esporte.

A escolha pelo Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte se justifica pelo grande número de produções científica produzidas na área da Educação Física, reconhecido nacionalmente e a criação, em 2013, de um Grupo de Trabalho Temático (GTT) sobre gênero, que também agrega estudos sobre sexualidade. Os congressos estão entre os mais importantes do país, o que contribui para o reconhecimento científico dos trabalhos neles divulgado.

Nesse sentido, o tema que impulsionou a presente proposta investigativa foi identificar qual a produção publicizada no Grupo de Trabalho Temático (GTT-7) “gênero”, do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, no que se refere aos estudos sobre educação sexual em aulas de educação física na educação básica, socializados nos anais do Conbrace no período de 2015-2019.

A presente pesquisa se encontra estruturada, após está introdução, em objetivos, revisão de literatura, procedimentos metodológicos, resultados e discussão. Por fim, apresentaremos as considerações finais que foram possibilitadas pelo o estudo.

2 OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Analisar a produção científica sobre educação sexual nas aulas de Educação Física publicizados pelo Grupo de Trabalho Temático Gênero, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, publicados nos anais das edições do Congresso Brasileiros de Ciências do Esporte (Conbrace), entre os anos de 2015 e 2019.

Objetivos específicos

- Averiguar quais estudos sobre educação sexual em aulas de educação física foram publicizados na história do GTT-7 (Gênero), nas três últimas edições do Conbrace;
- Identificar quais os encaminhamentos propostos pelos estudos no que se refere ao trabalho com educação sexual no componente curricular Educação Física.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Sexualidade: conceito e percurso histórico da introdução do tema nas escolas

A sexualidade é tema recorrente nos espaços de educação formal. Desde a década de 1920 a educação sexual, mesmo de forma tímida, já aparece como preocupação das escolas (CESAR, 2009). Nesse sentido, se faz importante discutir sobre o tema para compreender como a educação sexual pode ser inserida nos currículos escolares.

Segundo Cesar (2009), a educação sexual vem passando por diversas transformações ao longo dos anos. Porém, no início dos anos 1980 os discursos sobre a saúde e a biologia ocuparam um lugar no qual o principal objetivo era a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), incluindo procedimentos pedagógicos sobre o planejamento familiar. Assim, a escola, em meados dos anos 1990, foi tomada por propagandas informativas sobre “sexo seguro” e prevenção de gravidez na juventude (CESAR, 2009).

Segundo Furlani (2008), desde a reformulação curricular promovida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996 (BRASIL, 1996) e a partir da promulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997), a sexualidade adentra aos espaços escolares com maior força.

Além de ética, saúde, pluralidade cultural, meio ambiente e estudos econômicos, pela primeira vez, de modo explícito, a sexualidade e as relações de gênero têm espaço no então chamado tema transversal "orientação sexual". Os PCNs possibilitaram um contexto educacional favorável a essa inclusão temática. (FURLANI, 2008, p. 284).

Altmann (2001) argumenta que os PCN foram o ponto chave para a escolarização de uma educação sexual. Tal fato contribuiu para a legitimação legal das discussões sobre a sexualidade dentro dos muros da escola. A autora destaca que a criação do tema transversal “Orientação Sexual”¹ inaugurou uma nova época para a inserção desse assunto no âmbito escolar.

Segundo Amora (2014), quando dividimos as palavras educação e sexual encontramos os seguintes significados: 1) educação: ação ou efeito de educar, instrução, ensino, desenvolvimento intelectual do ser humano; 2) sexual: que se refere ou pertence ao sexo, que

¹Termo utilizado pela proposta.

tem sexo, que caracteriza o sexo. Porém, o conceito de educação sexual vai muito além, desses significados.

Ribeiro (1990, p. 3) afirma que a educação sexual refere-se “[...] aos processos culturais contínuos desde o nascimento, que de uma forma ou outra direcionam os indivíduos para diferentes atitudes [...]”. O autor utiliza o termo para se referir aos processos de educação informal, ou seja, conhecimentos sobre a sexualidade que se aprende em ambientes não escolares. O autor ainda destaca que as experiências vivenciadas ao longo dos anos de vida dão direção e orientam o cidadão nas inúmeras decisões frente à sexualidade.

Quando se refere ao trabalho sistematizado sobre ensinamentos referentes à dimensão da sexualidade humana em ambientes escolares, Ribeiro utiliza-se do termo “orientação sexual” (*apud* PRADO, 2010). Nesse sentido, todas as ações pedagógicas sobre a sexualidade planejadas e implementadas no interior das instituições formais de ensino (escolas), objetivariam “orientar” os estudantes sobre o tema, por isso “orientação sexual”. Cabe destacar ainda que a nomenclatura também é utilizada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para se referir ao Tema Transversal sobre sexualidade.

Todavia, quando buscamos na literatura específica da área trabalhos sobre educação sexual na escola, os termos “orientação” e “educação” sexual aparecem, muitas vezes, como sinônimos. Baseado em Paulo Rennes Marçal Ribeiro, Prado (2010) diferencia os termos ao definir “orientação sexual” como relativa a orientação do desejo afetivo, erótico e sexual entre os sujeitos. Nesse sentido, a orientação poderia ser homossexual, heterossexual, bissexual, assexual etc.

Já o termo “educação sexual” se referiria ao trabalho sistematizado sobre a sexualidade em espaços formais de educação, ou seja, as escolas (PRADO, 2010). Com isso, percebe-se que o próprio documento sobre sexualidade dos PCN apresenta um equívoco terminológico em sua nomenclatura, pois, ao se referir ao trabalho sobre educação sexual nas escolas utiliza o termo “orientação”.

A sexualidade, como dimensão humana da vida e que se afasta da ideia reducionista de “prática sexual” nos remete a produção de conhecimentos sobre o próprio corpo, afetos, sentimentos, cuidados, prevenção, parcerias, reciprocidade e identidade. Ribeiro ([s. d.], p. 5) destaca que

A educação sexual será importante para que, nossas crianças e adolescentes, no futuro, tenham mais responsabilidades em relação à vida sexual, menos preconceito nas relações sociais, mais informadas sobre o corpo e a sexualidade e com escolhas mais acertadas² e atitudes preventivas.

²A transcrição respeitou a grafia utilizada na citação original.

Para Figueiró (2001, p. 18) a educação sexual pode ser compreendida como:

Toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja no nível de conhecimento de informações básicas, seja no nível do conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual.

Louro (2003, p. 81 destaques da autora) descreve que “a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir””. Podemos refletir a partir da afirmação que a sexualidade está no espaço escolar, por se tratar de uma dimensão do ser que não pode se isolar do cotidiano.

Santos e Matthiesen (2012) afirmam que a sexualidade é um tópico considerado polêmico. A partir da afirmação, podemos refletir que pode gerar conflitos não apenas na comunidade escolar, mas também no âmbito familiar, devido às crenças, valores e tabus que envolvem o tema.

Outra autora que discute sobre o trabalho com a sexualidade no espaço formal é Figueiró. A autora afirma que “a sexualidade é uma questão que tem mais trazido dificuldades e desafios aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar” (FIGUEIRÓ, 2006, p. 92). Por se tratar de questões que geram polêmicas, inúmeras pessoas com crenças e valores distintos podem encontrar dificuldades para discutir o tema como um assunto pedagógico. Nesse sentido, alguns sujeitos acreditam que caberia à família, e não à escola, transmitir conhecimentos sobre sexualidade para seus filhos/as.

Leão, Ribeiro e Bendin (2010) destacam que o trabalho de educação sexual na escola teria como dever contribuir para formação crítica do aluno, para que o mesmo consiga argumentar e diferenciar valores e atitudes discriminatórias relacionadas à sexualidade humana. Dessa maneira, negar o acesso a conhecimentos sobre o tema seria, de certa, forma, não contribuir para uma educação integral dos estudantes.

Como já relatado, o documento sobre “Orientação Sexual” dos PCN remete a pensar em um trabalho sobre sexualidade de forma transversal. Ou seja, a discussão sobre o tema não se isola nas disciplinas de Ciências ou Biologia e deve ser fomentada em todos os componentes curriculares de forma interdisciplinar. Outras estudiosas como Silva (2014, p. 4) argumentam que as disciplinas escolares:

Têm participação efetiva na produção da cultura e dos processos de subjetivação humana. O tema corpo e sexualidade localiza-se dentre os conteúdos obrigatórios a

serem ensinados [...] ora como conteúdo formal da disciplina escolar Ciências, ora como conteúdo da área das ciências.

Mas, afinal, do que falamos quando tratamos o tema “sexualidade”? Segundo os PCNs, podemos definir sexualidade como:

A sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Antropologia, História, Economia, Sociologia, Biologia, Medicina, Psicologia e outras mais. (BRASIL, 1997, p. 81).

A discussão sobre diversidade, gênero e sexualidade na escola é cada vez mais discutida, podemos exemplificar este fato com o aumento da produção científica na área da Educação como, por exemplo, a revista *Retratos da Escola* publicou em 2015 um dossiê apenas com artigos sobre “Diversidade na escola: gênero e sexualidade”. Dentre os publicados, para efeito de melhor fundamentar nossa revisão de literatura, selecionamos os seguintes “Gênero e sexualidade nas práticas educativas”, “Homofobia e educação sexual na escola: percepções de homossexuais no ensino médio”, “Políticas de educação sexual integral: saberes, práticas e corpos em tensão”.

O artigo “Gênero e sexualidade nas práticas educativas” de Balestrin e Soares (2015) discute as inúmeras contradições nas produções em relação à construção dos gêneros e das sexualidades, tendo a discussão adentrado os muros das escolas e as situações do cotidiano. A escola tratou de incorporar formas de educação sexual através de programas educativos, embasada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), sendo trabalhados os temas transversais contendo o eixo de trabalho orientação sexual. As autoras também ressaltam que não é apenas a legislação vigente que garante o trabalho com essa temática, mas a necessidade da escola garantir esse trabalho, “em seus projetos político-pedagógicos (PPP), a construção de espaços de discussão e de ações pedagógicas comprometidas com o tema da diversidade de gênero e de sexualidade” (BALESTRIN; SOARES, 2015, p. 49).

O segundo artigo selecionado “Homofobia e educação sexual na escola: percepções de homossexuais no ensino médio” de Prado e Ribeiro (2015) discutem, através de entrevistas semiestruturadas, como as aulas de educação sexual na escola apresentam aspectos heteronormativos e homofóbicos. Os autores descrevem relatos de sujeitos que identificaram o período escolar como traumatizante, por não se enquadrarem dentro dos padrões de gênero e

sexualidade. Afirmam que as aulas de educação sexual também deveriam atentar para discutir as diferenças e gênero, sexualidade e a homofobia. Para os autores o “medo ou a falta de conhecimento se constitui em grande empecilho para que profissionais da área da educação possam abordar a homossexualidade a partir de perspectiva de possibilidades” (PRADO; RIBEIRO, 2015, p. 141).

O artigo “Políticas de educação sexual integral: saberes, práticas e corpos em tensão” (MORGAGE, 2015) aponta alguns pontos que desafiam a ligação da educação sexual integral (ESI) e a transmissão desses conhecimentos por parte dos professores. Destaca que a forma que a ESI é colocada dentro da escola remete sua discussão apenas ao perfil do professorado da área de Ciências Biológicas, destacando como seu conteúdo apenas os corpos e aparelhos reprodutivos.

O trabalho com a sexualidade na escola não é construído e realizado de um dia para o outro, e sim um trabalho que tem que ser feito com o objetivo de desenvolver o sujeito. Louro descreve que “a sexualidade pode ser compreendida como um processo construído ao longo do desenvolvimento dos sujeitos, influenciado por aprendizagens e experiências sociais e culturais” (LOURO, 2008 apud FURLANETTO; LAUERMAN; COSTA; MARIN, 2018, p. 552).

Embora apontada como um desafio por alguns autores (FIGUEIRÓ, 2001; PRADO; RIBEIRO, 2015), existem iniciativas que apontam para possibilidades. Apresentaremos a seguir algumas pesquisas que foram desenvolvidas em torno do tema no ambiente escolar, com o intuito de materializar a educação sexual como conteúdo curricular.

Maia Bortolozzi, Eidt, Terra e Maia Lins (2012) realizaram um projeto para alunos do sétimo ano do ensino fundamental. As estratégias metodológicas abrangeram 15 encontros semanais para discussão dos seguintes temas: 1) Identidade grupal e levantamento de expectativas, 2) Regras de convívio grupal, 3) Conceito de sexualidade, 4) Conceito social de adolescência, 5) Fisiologia e saúde, 6) Saúde Sexual e reprodutiva, 7) Iniciação Sexual, 8) Gravidez na Adolescência, 9) Violência Sexual, 10) Padrões de beleza e atitudes de discriminação e 11) Gênero e diversidade sexual, 12) Avaliação final do processo. Foram também realizados encontros com os pais, outro com os professores e direção. Alunos e professores avaliaram a proposta de intervenção como satisfatória e necessária na escola.

Martins e Souza (2013) desenvolveram um projeto de extensão com foco em uma adolescência saudável. O projeto foi ofertado para alunos do primeiro ano do ensino médio, de 5 escolas da rede estadual do município de Cuiabá-MT, no período de março a novembro de 2009. As estratégias metodológica contemplaram os seguintes temas: O corpo que sente

prazer; O corpo que se reproduz; O corpo que adocece – doenças sexualmente transmissíveis/ Aids (com foco nas formas de transmissão e prevenção); Sexo mais seguro (uso do preservativo masculino e feminino); Tabus e mitos em relação à sexualidade; Vulnerabilidade (drogas e violência); Projeto de vida (expectativas para o futuro e condições facilitadoras / dificultadoras). Como resultados o projeto demonstrou a viabilidade de interdisciplinaridade entre as áreas da saúde e da educação, bem como contribuiu para a prevenção e preencher uma lacuna vivida atualmente pelas escolas, além de oferecer subsídios para reflexão dos profissionais que atuam na área.

O trabalho “Adolescentes em cena: uma proposta educativa no campo da saúde sexual e reprodutiva” de Souza (2011) relata um projeto realizado para alunos do primeiro e segundo anos do ensino médio de uma escola estadual do município de Belo Horizonte. Foi ofertado aos estudantes 23 oficinas sobre os temas: Oficinas de Sensibilização; Abordagem de temas previamente concebidos- conhecimento do corpo; tabus e mitos quanto ao sexo e à sexualidade; iniciação sexual; sexo seguro; relações de gênero, oito oficinas foram direcionadas para a concepção da dramaturgia e dez encontros destinados para ensaio. Sob a condução de um dramaturgo e posteriormente de um produtor de vídeo, os participantes tiveram a liberdade de expressão e de criação. A produção de tecnologias educativas, pelos próprios adolescentes, possibilitou a ampliação de suas vivências e a ressignificação de conhecimentos, permitindo a ligação entre o interno e o externo no campo afetivo-sexual e reprodutivo.

Percebe-se a partir dos três últimos estudos explicitados que é possível conceber a sexualidade como tema a ser desenvolvido nos currículos. Os trabalhos descritos foram elaborados na forma de oficinas, ou seja, não foram desenvolvidos em um componente curricular específico. Dessa forma, caberia indagar: qual o espaço nos currículos oficiais para a discussão sobre educação sexual e como os diferentes componentes curriculares assimilam o Tema Transversal “Orientação Sexual”, que deveria transpassar seus conteúdos?

Dentre os componentes curriculares da educação básica, focamos na Educação Física como potente espaço para discutir o corpo e suas relações para com a sexualidade. Dessa maneira, o componente curricular “Educação Física” também se insere nas responsabilidades de lidar com o tema. Tal componente curricular, não raro, parece “despertar” receios em relação à sexualidade de crianças e jovens e, de uma maneira normativa, pode contribuir para o silenciamento do tema e policiamento das condutas dos estudantes. Louro

Identifica a Educação Física como um palco privilegiado para manifestações de preocupação com relação à sexualidade das crianças. Ainda que tal preocupação

esteja presente em todas as situações escolares, [...] numa área que está, constantemente, voltada para o domínio do corpo (LOURO, 2003, p. 74).

Contudo, a partir do aparato técnico-científico é preciso compreender a sexualidade nessas aulas como foco de conhecimentos sobre os corpos e, inclusive, método para desconstruir padrões e preconceitos. A Educação Física poderia promover debates acerca dessa dimensão humana durante o processo de formação dos estudantes, contribuindo para a apropriação de um pensamento crítico sobre os corpos, sentimentos e padrões sociais a que somos submetidos no que se refere aos nossos desejos.

3.2 Educação Sexual nas aulas de educação física na educação básica

As aulas de educação física possibilitam as discussões sobre a temática da educação sexual nas aulas, por ser uma disciplina que permite ser relacionada com corpo, diversidade, expressão corporal, gênero. Como descreve Baldoschi:

Por ser um tema transversal, a Orientação Sexual permeia a Educação Física e permite discussões relacionadas ao gênero, corpo e mídia, respeito a diversidade, prevenção de doença entre outros temas que os conteúdos da cultura corporal permitem abordar. (BALDOSCHI, 2013, p. 5).

Santos e Matthiesen (2012, p. 206) reconhecem que a “Educação Física vem sendo vista, muitas vezes, como uma disciplina cujo potencial estaria diretamente ligado à efetivação da Orientação Sexual³ na escola”. Talvez pela aparente liberdade proporcionada aos corpos durante as aulas, o componente acaba se tornando local privilegiado para o “falar” sobre a sexualidade, principalmente no ensino médio.

A aula de educação física é compreendida pela comunidade escolar como campo de intervenção sobre o assunto. O professor da área é visto como “referência” e, não raro, é acionado para falar sobre temas afetos a sexualidade:

O professor (de Educação Física) é uma referência importante para seus alunos, pois a Educação Física proporciona experiência de aprendizagem peculiar ao mobilizar os aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade de forma intensa e explícita, o que faz com que o professor de Educação Física tenha um conhecimento abrangente de seus alunos. (ALTMANN, 2001, p. 583).

O trabalho com sexualidade é de extrema importância e deveria ser discutido

pedagogicamente não apenas no aspectos biológico, mas também a parte de construção do indivíduo perante a sociedade, reconhecimentos das diferenças culturais e enfrentamento da violência e discriminação de gênero e de sexualidade. Dentro dos documentos oficiais que direcionam a elaboração do currículo pedagógico constam os temas transversais, e a Educação Física, como as demais disciplinas, deveria fazer a problematização desses temas. Darido (s.d) afirma que³

A Educação Física se aproxima desse tema a partir do momento em que privilegia o uso do corpo ou a construção de uma “cultura corporal”, cujos valores sobre beleza, estética corporal e gestual aparecem frequentemente, assim como as questões de gênero e da coeducação. (DARIDO, s.d., p. 86)

Altmann (2001) afirma que mesmo ressaltando a importância de a Educação Física tratar e discutir sobre questões referentes a sexualidade, tais discussões não estão interligadas ao bloco de conteúdos “ Conhecimentos sobre o corpo”. Para a autora:

Todavia, apesar de destacar a importância de a Educação Física tratar sobre questões referentes à sexualidade, este tema não é relacionado aos conteúdos desta disciplina e tampouco há indicativos de como professores e professoras possam abordá-lo em aula. (ALTMANN, 2001, p. 583).

Cesar (2009) argumenta que o tipo de educação sexual que, em muito, é trabalhada nas escolas atende a políticas de controle e normalização, enfatizando a heterossexualidade como norma. Já Menezes (2013) descreve que o trabalho com os alunos sobre questões de gênero nas aulas de educação física pode aproveitar questões do dia a dia para essa problematização:

Um exemplo nas aulas desta disciplina é a tendência dos alunos se separarem nas atividades querendo jogar somente com pares do mesmo sexo, esta é uma boa oportunidade para se discutir as relações de gênero e entender melhor porque algumas práticas são tidas como de meninos e outras de meninas e assim possibilitar a desconstrução destas separações que muitas vezes os alunos adotam. (MENEZES, 2013, p. 6).

Prado (2017) afirma que a Educação Física Escolar, quando trata do tema, pode disseminar desconhecimentos quando não fundamenta o assunto em conhecimentos científicos. Denuncia como estudantes que não se adequam (ou não querem se adequar!) aos padrões de normalidade propostos para a sexualidade são tratados pelo “sistema educativo” e que deveríamos problematizar tais questões. Para o autor:

³ Termo utilizado pelos autores.

Visto que a produção de conhecimento é uma das condições para que profissionais possam planejar suas intervenções, e posto que a Educação Física parece estar alheia a problematizações sobre as intersecções entre fundamentação-prática-formação, as aulas de Educação Física nas escolas podem ser estruturadas a partir de (des)conhecimentos que subjugam qualquer forma de atuação que não se adéque aos padrões de comportamento preestabelecidos (PRADO, 2017, p. 120).

Esse mesmo autor enfatiza a necessidade de reflexões sobre temática como sexualidade e gênero no dia a dia do aluno dentro das aulas de educação física. Pois, um dos papéis da escola é desmitificar o senso comum, e a problematização desta temática rompe ideias já concebidas e construídas pela sociedade em que vivemos, fazendo assim a formação de um sujeito consciente das relações sociais.

Ainda sobre diversidade e sexualidade, as discussões pedagógicas poderiam ocorrer no cotidiano do aluno, considerando que a Educação Física, e demais componentes curriculares, deveria apresentar aos estudantes conhecimentos sobre o corpo com base em fundamentos científicos. Como afirma Prado,

[...] a Educação Física deveria atentar para seu caráter formativo, político e social, abrindo espaços para que as diferenças ganhem formas na escola e sejam desencadeadoras de problematizações, reflexões e desestabilização do dado como correto, natural ou normal. (PRADO, 2010, p. 411).

Santos e Matthiesen (2012) destacam a importância do professor de educação física para a formação dos estudantes a partir do trabalho de orientação sexual³ devido ao fato de, na escola, ocorrer situações preconceituosas ligadas a identidade sexual e de gênero durante as aulas. Atentam que, após esse diagnóstico, é preciso com que o trabalho pedagógico seja contextualizado a partir da realidade do aluno. A real “efetividade do trabalho com este tema transversal na escola está intimamente ligada à contextualização do conhecimento com a realidade dos alunos” (SANTOS; MATTHIESEN, 2012, p. 210 - 211).

No que se refere o bloco de conteúdos esporte, segundo Goellner (2009), a prática esportiva e muitas atividades corporais são vistas como uma práticas viris. Quando uma menina se identifica com tal universo, sua feminilidade é colocada em análise. A autora, afirma que devido a essas questões “na aula de Educação Física, seria o momento ideal para trato com as questões que envolvem o tema gênero e sexualidade nas aulas” (GOELLNER, 2009, p. 86).

Rodrigues e Galvão (2005, p. 82) relatam “que na educação física são inúmeras as dificuldades para a construção de trabalhos interdisciplinares, [...] isso será possível por meio

de investimentos na formação docente, na delimitação do local e jornada de trabalho e, também, a partir das novas formas de organização do espaço e do tempo escolar”. O estudo de Gonçalves e Tortola (2015) conclui que, a partir da fala da maioria dos professores de educação física participantes da pesquisa, a justificativa para não trabalharem a sexualidade nas aulas se dá devido ao fato de possuírem pouca informação, pois não tiveram contato com a temática na sua formação. Além disso, fatores como falta de material de apoio, receio na forma de trabalhar com o tema e falar com os alunos sobre o assunto também foram apontados como limitantes para a efetivação da educação sexual.

Figueiró (2006) relata que, em relação a educadores:

[...] a atuação como educador sexual não é tão simples como possa parecer, e que não basta ter recebido uma “preparação” prévia - para alguns, não basta nem mesmo estar um grupo de “assessoria”, em que se pode contar com supervisão e apoio [...] quando o educador tenta dar início a uma prática, vários fatores dificultadores entram em jogo – ao que parece, a maioria deles de caráter emocional, mesmo quando a dificuldade parece ser apenas técnica, relacionada à escolha de estratégias de ensino [...] (FIGUEIRÓ, 2006, p. 27- 28).

Após a investigação em alguns estudos, verificando alguns pontos como a importância e o porquê trabalhar ou não educação sexual no contexto escola, foi possível identificar que a Educação Física pode ser o ponto inicial para a discussão, construindo conceitos baseados em evidências acerca dos corpos e sexualidade dentro da educação formal.

Todavia, é sabido que vivemos em um contexto político em que ataques ao tema são, cotidianamente, presenciados. Falar sobre sexualidade e gênero nas escolas tornou-se um grande desafio. Nesse sentido, a presente proposta investigativa pode ser considerada como atual ao pretender analisar a produção científica sobre educação sexual nas aulas de Educação Física publicizados pelo Grupo de Trabalho Temático Gênero, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, publicados nos anais das edições do Congresso Brasileiros de Ciências do Esporte (Conbrace), entre os anos de 2015 e 2019.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem utilizada para nortear o estudo foi a abordagem qualitativa:

Sob a denominação de pesquisa qualitativa encontram-se variados tipos de investigação, apoiados em diferentes quadros de orientação técnica e metodologias, tais como o interacionismo simbólico, a etnometodologia, o materialismo dialético e a fenomenologia. (GODOY, 1995, p. 58).

Na pesquisa qualitativa não há preocupação com representação numérica, buscando aspectos que não podem ser quantificados, ou seja, suas relações sociais. Minayo (2001, p. 14) descreve que:

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O estudo foi realizado a partir da pesquisa documental. Segundo Gil (2008), esse procedimento se assemelha à pesquisa bibliográfica, sendo que a diferença seria creditada a natureza das fontes consultadas. Esse mesmo autor as diferencia:

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. (GIL, 2008, p. 51)

Outras autoras como Marconi e Lakatos (2003, p. 174) argumentam que na pesquisa documental “a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”. Dentre essas definições as mesmas autoras descrevem a pesquisa bibliográfica como, utilizando fontes secundárias.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183).

A análise documental balizou o tratamento dos dados. Como ressalta Cellard (2008, p. 295) “a análise documental elimina em parte a dimensão da influência, dificilmente mensurável, do pesquisador sobre o sujeito, não é menos verdade que o documento constitui um instrumento que o pesquisador não domina”. Tendo em vista que o documento passa

informações para o pesquisador, não sofrendo influência do mesmo, as dados a serem analisados não correm o risco de sofrer “contaminações subjetivas” por parte de quem o gera.

A limitação do universo amostral foi através da análise documental de trabalhos no formato de trabalho completo, resumo expandido e resumo simples publicados nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte das três últimas edições em que o Grupo de Trabalho Temático Gênero (GTT7-Gênero) marcou presença. Assim, analisamos os anais dos congressos ocorridos nos anos de 2015, 2017 e 2019. O recorte temporal realizado se justifica devido ao GTT-Gênero ter sido criado em 2013 e ser incluído no Conbrace em sua edição de 2015 (MACEDO; GOELLNER, 2014).

Mello descreve a tamanha eficiência dos encontros científicos e a importância dos trabalhos publicados em anais para divulgação e propagação do conhecimento científico.

Os encontros científicos são considerados meios altamente eficientes de comunicação oral do conhecimento, tendo em vista o ritmo crescente de desenvolvimento da ciência. Os anais, principal objetivo do presente estudo, são publicações geradas a partir dos encontros e visam a maior disseminação dos trabalhos nele apresentados. (MELLO, 1996, p. 53).

Por que trabalhos publicados em anais de eventos podem ser considerados como documentos para serem analisados em uma pesquisa do tipo documental? Para responder a esta pergunta tomamos como referência os dizeres de Godoy (1995, p. 21) que afirma que a expressão “‘documento’ deve ser entendida de uma forma ampla, incluindo os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios).” Sendo assim, trabalhos publicados em anais de eventos científicos também podem ser considerados como documentos a serem submetidos a análises científicas.

Para a geração dos dados acessamos o site oficial do CBCE⁴ e, ao acessarmos a aba “ANAIS”, o site permitiu acesso aos trabalhos publicados em cada edição do evento Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE). Posteriormente, acessamos os anais do Conbrace de 2015, 2017 e 2019 que correspondem as seguintes edições 2015 – XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE)/ VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE) -Territorialidade e Diversidade Regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e Ciências do Esporte; 2017 - XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte(CONBRACE)/ VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE)- Democracia e Emancipação. Desafios para a Educação Física e Ciências

⁴Disponível em: <http://www.cbce.br>

do Esporte na América Latina; 2019 – XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte(CONBRACE)/ VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE)- O que pode o corpo no contexto atual? Controle, regulação e perda dos direitos como desafios para Educação Física e Ciências do Esporte.

Após o acesso dos anais em cada edição do evento que foi analisada, foram feitas a leitura dos títulos de cada trabalho publicado no GTT7 para identificar os que apresentassem termos condizentes com os objetivos da pesquisa. Foram utilizados trabalhos . Procuramos pelos seguintes “termos-chave”: Sexualidade; Orientação Sexual; Educação Sexual e Sexualidade na Escola. Procedemos com a leitura dos títulos e resumos dos trabalhos para quantificar quantos seriam submetidos às análises. O critério de inclusão utilizado foi: publicações que fizessem referência sobre o trabalho com sexualidade nas aulas de educação física na escola. Assim, foram excluídos trabalhos que tematizassem a sexualidade fora do ambiente escolar como, por exemplo, no âmbito esportivo ou práticas de lazer, ou que focassem apenas nas questões de gênero.

Na etapa de leitura dos títulos e resumos, foi criado um quadro para realizar com mais precisão os critérios de exclusão e separação das amostras, o quadro foi delimitado em 4(quarto) subtítulos 1- Educação sexual nas aulas de educação física na escolar; 2- Relação de gênero e sexualidade na escolar (diferenças entre meninos e meninas na educação básica ou sobre identidade sexual); 3- Relação de gênero e sexualidade no ensino superior; 4- Relação de gênero e sexualidade fora do contexto escolar (esporte, projetos sociais, lazer, políticas públicas etc.).

Após essa delimitação foi realizado a leitura dos resumos novamente para complementação do quadro analisando as modalidades apresentadas(comunicação oral e poster), o tipo de publicação(trabalhos completos, resumos expandidos e resumos simples) fazendo a delimitação dos dados por edições do congresso.

Posto isso, seguimos com a apresentação dos dados e discussões possibilitadas pela pesquisa.

5 RESULTADOS

Todos os trabalhos, das três edições do Conbrace analisados, tiveram seus títulos e resumos lidos para a realização da triagem. Assim, foram elaboradas quatro categorias para a separação do material:

Quadro 1: Triagem e categorização do material consultado

Categorias	Conbrace 2015	Conbrace 2017	Conbrace 2019	Total de Trabalhos encontrados por categoria, somando as três (3) edições do Conbrace analisada
1- Trabalhos que abordavam a educação sexual nas aulas de educação física na escola.	1	5	6	12
2- Trabalhos referentes as relações de gênero e sexualidade na escola (Diferenças entre meninos e meninas na educação básica ou sobre identidade sexual).	5	6	6	17
3- Trabalhos sobre relações de gênero e sexualidade no ensino superior.	4	5	14	23
4- Trabalhos sobre relações de gênero e sexualidade fora do contexto escolar (esporte, projetos sociais, lazer, políticas públicas etc.).	21	20	29	70
Total de trabalhos por edição do Conbrace	31	36	55	122

Fonte: Elaborado pela autora(2020).

A partir desta triagem, seguindo os critérios delimitados nos procedimentos metodológicos, do total de 122 trabalhos publicados nos anais do GTT Gênero, analisamos 12 que foram alocados na categoria 1, foco de nossa investigação (Trabalhos que abordavam a educação sexual nas aulas de educação física na escola). Abaixo apresentamos o quadro 2 com os resultados. Cada coluna do quadro se refere aos trabalhos encontrados em cada edição do Conbrace que foi consultada.

Quadro 2: Trabalhos que abordavam a educação sexual nas aulas de educação física na escola, publicados no GTT07 – Gênero, nos anais do Conbrace em suas edições de 2015, 2017 e 2019⁵

<p>Título do evento: XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Territorialidade e Diversidade Regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a educação física e ciências do esporte. Ano: 2015 Local: Universidade Federal do Espírito Santo</p>	<p>Título do evento: XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Democracia e Emancipação-Desafios para a Educação Física e Ciências do Esporte na América Latina. Ano: 2017 Local: Universidade Federal de Goiás/ Campus Samambaia</p>	<p>Título do evento: XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte. O que pode o corpo no contexto atual? Controle, regulação e perda de direitos como desafios para educação física e ciências do esporte. Ano: 2019 Local: Universidade Federal do Rio Grande do Norte</p>
<p>Título: Funk “da” escola: uma experiência de resignificação. Autores: Raquel da Silva Barroso, Monica Rosana de Andrade, Wesley Pereira dos Santos, Mateus Camargo Pereira. Modalidade: Comunicação Oral. Publicação: Trabalho Completo</p>	<p>Título: Temas transversais nas aulas de educação física: sexualidade e gravidez na adolescência. Autores: Juliana Nascimento da Silva Avelino, Romário Nascimento Da Silva, Gabrielle Barbosa dos Santos, Rocindes De Souza Berriel. Modalidade: Comunicação Oral Publicação: Trabalho Completo.</p>	<p>Título: Gênero, educação física e educação intercultural: articulações possíveis. Autores: Ana Paula Silva Santos Modalidade: Comunicação Oral. Publicação: Trabalho Completo.</p>
	<p>Título: Gênero e sexualidade como conteúdos na educação física escolar: intervenções e possibilidades. Autores: Leandro Teofilo de Brito, Leticia Reolon Pereira, Kátia Regina Xavier Pereira da Silva, Claudia Regina de Oliveira Ventura, Marcio Nogueira de Sá. Modalidade: Comunicação Oral.</p>	<p>Título: A relação entre gênero e a participação nas aulas: “participativ@s, participad@s ou partímid@s?” Autores: Ítala Almeida Timóteo, Maria Eleni Henrique da Silva, Brena Maria Lima da Silva de Oliveira. Modalidade: Comunicação Oral.</p>

⁵ Alguns títulos dos trabalhos selecionados não remetem a sexualidade ou educação sexual. Todavia, ao lermos os resumos e os trabalhos na íntegra percebemos que ele discutem nosso problema de pesquisa. Por isso, foram incluídos no quadro para análise.

	Publicação: Trabalho Completo.	Publicação: Trabalho Completo.
	<p>Título: O corpo travesti na educação física escolar.</p> <p>Autoras: Francisca Islandia Cardoso da Silva, Ana Lúcia Galinkin.</p> <p>Modalidade: Comunicação Oral</p> <p>Publicação: Trabalho Completo.</p>	<p>Título: Ginástica Rítmica e gênero: um relato experimentado na escola de formação básica e tecnológica.</p> <p>Autores: Dennys Max Dos Santos da Conceição, Demilto Yamaguchi da Pureza, Rodrigo Coutinho Santos.</p> <p>Modalidade: Comunicação Oral.</p> <p>Publicação: Trabalho Completo.</p>
	<p>Título: Corpo, gênero e heteronormatividade: cenas de uma escola em Goiânia.</p> <p>Autoras: Kelly Cristiny Martins Evangelista, Bárbara Andressa Mendonça de Rocha Mesquita, Daiana Rodrigues de Lima Braga.</p> <p>Modalidade: Pôster</p> <p>Publicação: Resumo simples.</p>	<p>Título: Gênero na educação infantil: problematizando o discurso docente e os impactos na educação física escolar.</p> <p>Autores: Mariane de Almeida Bahiana, Anna Carolina Carvalho de Souza, Leandro Teófilo de Brito, Michele Pereira de Souza da Fonseca.</p> <p>Modalidade: Comunicação Oral.</p> <p>Publicação: Trabalho Completo.</p>
	<p>Título: Práticas corporais de aventura: a experiência do PIBID educação física com ensino médio.</p> <p>Autores: Matheus Fidelis Martins, Lucas Henrique Gonçalves de Brito, Allan Augusto dos Santos, Tuffy Brant.</p> <p>Modalidade: Pôster</p> <p>Publicação: Resumo simples.</p>	<p>Título: Dentro e fora da fronteira: corpos que subvertem a norma hegemônica de gênero e sexualidade nas aulas de educação física.</p> <p>Autores: Eliaquim de Sousa Lima, Kaline Lígia Estevam Carvalho de Pessoa.</p> <p>Modalidade: Comunicação Oral.</p> <p>Publicação: Trabalho Completo.</p>
		<p>Título: O poder (social) do corpo atuante nas aulas de educação física.</p> <p>Autores: Bethânia R. Ferreira, Gabriela Souza, Edson Farret da C. Junior.</p> <p>Modalidade: Pôster.</p> <p>Publicação: Resumo Simples.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do quadro 2 podemos notar que o ano de 2019 teve o maior número de trabalhos publicados sobre a temática foco de nossa investigação. No total, foram seis (6) trabalhos, seguidos de cinco (5) no ano de 2017 e apenas um (1) trabalho publicado nos anos de 2015. Talvez, por 2015 ter sido o primeiro ano de aparição do GTT07-Gênero no Conbrace, o baixo número seja justificado.

A maior parte dos trabalhos apresentados nos eventos foram no formato “Apresentação Oral”. Foi possível notar, no que se refere a trabalhos publicados, o autor Leandro Teofilo de Brito com recorrência na publicação, totalizando 2 trabalhos socializados nas duas últimas edições do Conbrace.

A partir do quadro 2 também foi possível identificar para quais níveis da educação básica foram destinados, somente 1(um) trabalho destinado a educação infantil, apenas 4(quatro) trabalhos apresentados destinados ao ensino fundamental, foi possível identificar que o maior número de trabalho apresentados é destinado para o ensino médio com 5(cinco), porém 2(dois) trabalhos não consta detalhado para qual nível foi destinado.

6 DISCUSSÃO

Para organizar a discussão, apresentaremos uma síntese dos trabalhos analisados, seguidos do diálogo com a literatura da área da educação sexual. Os 12 trabalhos selecionados para nossos propósitos, serão apresentados em ordem crescente dos anos de publicação e seguindo a ordem vertical apresentado em cada coluna do quadro 3.

Quadro 3: Síntese dos trabalhos analisados

Título/ Autores	Ano de publicação	Objetivo principal	Principais resultados	Encaminhament os propostos
Funk “da” escolar: uma experiência de ressignificação (ANDRADE, BARROSO, SANTOS, PEREIRA).	2015	Ressignificar o Funk na escolar para o Funk da escolar, problematizando as representações preconceituosas sobre gênero e sexualidade trazidas pelos alunos.	Que as aulas ministradas foram significativas e de grande envolvimento dos alunos.	Não apresenta.
Temas transversais nas aulas de educação física: sexualidade e gravidez na adolescência (AVELINO, SILVA, SANTOS, BERRIEL)	2017	Investigar como a disciplina Educação Física pode contribuir para a informação e prevenção da gravidez na adolescência por meio das discussões dos temas transversais de orientação sexual e sexualidade durante as aulas.	Que a discussões sobre gravidez na adolescência não seja um tema novo ainda se torna necessária devido a ocorrência dos casos e a apropriação de conceitos equivocados.	Não apresenta.
Gênero e sexualidade como conteúdos na educação física escolar: intervenções e possibilidades (BRITO, PEREIRA, SILVA, VENTURA, SÁ).	2017	Discutir o processo de inserção das temáticas gênero e sexualidade como conteúdos específicos da disciplina em turmas do ensino médio.	Apontam para a repetição de discursos normativos assim como ressignificações.	Não apresenta.
O corpo travesti na educação física escolar (SILVA, GALINKIN).	2017	Analisar a atuação do componente curricular quanto à diversidade de gênero de mulheres autodefinidas travestis.	As informações coletadas mostram a educação física como propagadora da heteronormatividade em virtude de seu silêncio quanto ao	Não apresenta.

			sofrimento causado por atos discriminatórios.	
Corpo, gênero e heteronormatividade: cenas de uma escolar em Goiânia/ (EVANGELISTA, MESQUITA, BRAGA).	2017	Apresentar algumas cenas escolares relacionada às questões de gênero presentes em uma escolar de Goiânia.	Foi possível identificar como a escola contribui com a educação do corpo, que algumas práticas pedagógicas não se dão no sentido de contribuir de forma eficiente na mediação das relações de gênero presentes nas aulas de Educação Física.	Não apresenta.
Práticas corporais de aventura: a experiência do PIBID Educação Física com ensino médio./ (MARTINS, BRITO, SANTOS, BRANT).	2017	Relatar a experiência que PIBID Educação Física teve com o Ensino Médio e verificar qual foi a visão dos alunos a partir das intervenções com o tema Práticas Corporais de Aventura.	Houve uma superação e um entendimento dos assuntos gênero e sexualidade por parte dos alunos, os alunos conseguiram contextualizar, construir símbolos e expressões para que sejam mostrados com igualdade diante o cotidiano.	Não apresenta.
Gênero, educação física e educação intercultural: articulações possíveis. (SANTOS)	2019	Problematizar as formas pelas quais um professor de Educação Física de uma escolar pública situada no Rio de Janeiro compreende as questões de gênero no espaço das aulas de educação física, monocultural baseada na cultura branca, masculina e heterossexual.	Que é na aula de Educação Física que encontramos maior resistência ao trabalho integrado entre meninos e meninas, pois pautada por um vies biológico, a prática desta disciplina foi se construindo sob uma ótica.	Não apresenta.
A relação entre gênero e a participação nas aulas: “participative@s, participad@s ou partímid@s?” (TIMÓTEO, SILVA, OLIVEIRA).	2019	Apresentar a percepção docente acerca da participação das/dos estudantes nas aulas com base nas questões afetas a	A maioria dos professor@s participantes da pesquisa compreendem que as questões afetas a gênero podem	Não apresenta.

		gênero e alguns de seus desdobramentos.	interferer na participação de alun@s nas aulas, que os obstáculos com os quais deparam-se podem ser transformados a partir de suas intervenções, atentando-se para a compreensão de que a resistência de estudantes a certo tipo de atividades não é dada e imutável, mas construída histórica, social e cultural.	
Ginástica rítmica e gênero: um relato experimentado na escola de formação básica e tecnológica./ (CONCEIÇÃO, PUREZA, SANTOS).	2019	Relatar a experiência de discentes nas aulas de Educação Física, a partir do conteúdo de ginástica rítmica e suas relações com o gênero.	Podemos perceber as percepções de estudantes do ensino médio quando relacionam gênero à emoções, participação e envolvimento nas práticas. Que se pode deixar um conteúdo mais interessante quando tornamos as aulas de Educação Física um espaço de debate de via dupla, professor-aluno-professor, que é de extrema importância a discussão de gênero e reflexão sobre a prática.	Não apresenta.
Gênero na educação infantil: problematizando o discurso docente e os impactos na educação física escolar. (BAHIANA, SOUZA, BRITO, FONSECA).	2019	Identificar quais são os principais significados de gênero produzidos nos contextos escolares, especificamente em turmas de Educação Infantil, pela problematização dos discursos das professoras regentes e como esses significados podem reverberar nas aulas	Concluíram que a temática ainda necessita ser mais discutida e fomentada.	Esta pesquisa ainda pode ser ampliada, com trabalhos de observações participantes tanto nas aulas de Educação Infantil quanto nas aulas de Educação Física neste mesmo segmento, para que possamos adquirir dados

		de educação física escolar.		mais consistentes desta influência dos discursos dos/as professores/as regentes no comportamento das crianças em outros ambientes escolares.
Dentro e fora da fronteira: corpos que subvertem a norma hegemônica de gênero e sexualidade nas aulas de educação física./ (LIMA, PESSOA).	2019	Analisar a abordagem dos corpos que transgridem as fronteiras do gênero e da sexualidade nos conteúdos da Educação Física Escolar.	Foram notados que para abordagens de gênero e sexualidade para com os corpos subversivos eram discriminações mediante piadas e olhares de vigilância que ocorrem no conteúdo dança e sobre os meninos. E que o futsal ainda é um conteúdo não tão acessível às meninas, quando essas tentam se inserir, qualquer erro, é passível de diversas críticas prejulativas.	Não apresenta.
O poder (social) do corpo atuante nas aulas de educação física./ (FERREIRA, SOUZA, JUNIOR).	2019	Investigar as relações de poder do corpo estabelecidas nas aulas de Educação Física	Conhecimento de alguns termos como identidades de gênero, heterossexual x homossexual, machismo x feminismo e ideologia de gênero foram os mais citados pelos alunos, justificados pela manifestações feministas e da comunidade LGBT ⁺ , que os alunos admitiram que são influenciados e apontaram a cultura como a responsável por ditar esse comportamento,	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como apenas 1(um) trabalho sugeriu proposta de encaminhamentos posteriores, foi feito uma categorização dos objetivos de cada trabalho para compreender de que forma a educação sexual é referenciada. Realizando uma categorização em 4 (quarto) blocos.

No primeiro bloco foram anexados os trabalhos que discutiram o tema sexualidade a partir dos conteúdos da educação física. No segundo bloco agrupamos propostas que visaram trabalhar gênero e sexualidade como conteúdos específicos das aulas. O terceiro bloco foi formado por trabalhos que representaram a sexualidade na visão dos direitos humanos e reconhecimento das diferenças. No quarto e último bloco, destacamos trabalhos sobre a representação de professores/as sobre as temáticas de sexualidade e gênero.

O bloco 1 foi composto pelos trabalhos intitulados “Funk “da” escolar: uma experiência de ressignificação” (ANDRADE; BARROSO; SANTOS; PEREIRA, 2015); “Corpo, gênero e heteronormatividade: cenas de uma escolar em Goiânia” (EVANGELISTA; MESQUITA; BRAGA, 2017); “Práticas corporais de aventura: a experiência do PIBID Educação Física com ensino médio” (MARTINS; BRITO; SANTOS; BRANT, 2017); “Ginástica rítmica e gênero: um relato experimentado na escola de formação básica e tecnológica” (CONCEIÇÃO; PUREZA; SANTOS, 2019).

Nesse bloco foram selecionados os trabalhos em que o objetivo central era discutir a educação sexual por meio de conteúdos clássicos da educação física escolar, ou seja, não tematizam a sexualidade como conteúdo principal. Abordando apenas os conteúdos clássicos dentro dos componentes curriculares como culturas corporais, muitas vezes, num caráter heteronormativo e biológico. Garcia, Monteiro, Morais, Junior, Pereira (2019) descrevem que:

as aulas desse componente curricular precisam deixar de ser taxadas como uma exclusividade da prática corporal em jogos, é preciso abordar temas considerados tabus para que ocorra uma quebra desse paradigma e abrir espaço para dúvidas e discussões sobre o tema, pois só assim conseguiremos agregar valores que vão além da psicomotricidade durante as aulas.(GARCIA; MONTEIRO; MORAIS; JUNIOR; PEREIRA, 2019, p. 52).

O bloco 2 foi composto pelos trabalhos intitulados “Temas transversais nas aulas de educação física: sexualidade e gravidez na adolescência” (AVELINO, SILVA, SANTOS, BERRIEL; 2017); “Gênero e sexualidade como conteúdos na educação física escolar: intervenções e possibilidades” (BRITO; PEREIRA; SILVA; VENTURA; SÁ, 2017). Esse bloco foram agrupados os trabalhos que propuseram trabalhar gênero e sexualidade como proposta de conteúdo específico para as aulas.

Para o trabalho na escola com os temas gênero e sexualidade dentro do conteúdo programático, segundo Figueiró:

os alunos precisam ter várias oportunidades de ver, rever, discutir e tornar a discutir um tema, pois educar sexualmente é um processo formativo, portanto longo. É por isso que os PCNs propõem que seja de forma sistemática, no decorrer de todas as séries escolares, a começar pela Educação Infantil. (FIGUEIRÓ, 2006, p. 14).

Para que tenha mais trabalhos com o a temática de gênero e sexualidade como proposta de conteúdo específico para os diferentes componentes curriculares, Maia e Ribeiro descrevem que:

a educação sexual na escola deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento; mudança de atitudes, concepções e valores; produção e desenvolvimento de uma cidadania ativa. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p.77).

Para o agrupamento do bloco 3 foram selecionados os trabalhos intitulados “O corpo travesti na educação física escolar” (SILVA; GALINKIN, 2017); “Dentro e fora da fronteira: corpos que subvertem a norma hegemônica de gênero e sexualidade nas aulas de educação física” (LIMA; PESSOA, 2019); “O poder (social) do corpo atuante nas aulas de educação física” (FERREIRA; SOUZA; JUNIOR, 2019). Tais pesquisas discutem a sexualidade na visão dos direitos humanos e reconhecimento das diferenças.

O debate sobre sexualidade na educação formal deve ser pautado pelo direito e respeito com o próximo, e dentro dessa visão Maia, Eidt, Terra e Lins Maia (2012) argumentam que o direito dos indivíduos ao acesso à educação sexual formal e à discussão a respeito de saúde e sexualidade não deve se restringir às questões de prevenção e saúde sexual, direcionando "decisões certas". Recaptulando, como foi destacado por Maia e Ribeiro, que a educação sexual deve alcançar:

além das temáticas preventivas como saúde sexual e reprodutiva, discussões que incluam os relacionamentos sociais, a cidadania e os direitos humanos, incluindo o respeito à diversidade sexual. O direito à informação e à educação sexual é um dos direitos sexuais que fazem parte dos Direitos Humanos. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 81).

No bloco 4 alocamos os trabalhos intitulados “Gênero, educação física e educação intercultural: articulações possíveis” (SANTOS, 2019); “A relação entre gênero e a participação nas aulas: “participative@s, participarad@s ou partímid@s?” (TIMÓTEO;

SILVA; OLIVEIRA, 2019); “Gênero na educação infantil: problematizando o discurso docente e os impactos na educação física escolar” (BAHIANA; SOUZA; BRITO; FONSECA, 2019). Estes trabalhos abordaram a representação de professores/as sobre a temática de gênero e sexualidade.

As representações dos professores/as sobre sexualidade e gênero no campo escolar destaca que a educação formal está dividida em dois lados: os professores voltados para a reprodução de conteúdo e os que estão voltados para construção de novos valores. Para Badolotti e Tondin;

se processa a reprodução de mecanismos e normas de categorização e regulação das questões de gênero e sexualidade e, por outro, disposições individuais e coletivas (por que não políticas) para desconstruir tais mecanismos, atribuindo novos sentidos e significados ao campo.(BADOLOTTI ; TONDIN, 2015, p. 170).

Esses mesmos autores descrevem ainda que na sua maioria a representação dos professores/as está pautada na reprodução de “determinados domínios do saber e conhecimentos hegemônicos e disciplinares que têm predominado no processo de formação docente inicial e continuada [...]”. (BADOLOTTI; TONDIN, 2015, p. 73).

Após as análises realizadas foi possível identificar que os trabalhos destinados à educação sexual não são muito numerosos. Dos 122 trabalhos consultados nos anais dos três últimos eventos, apenas 12 remetem a preocupação com a sexualidade/ educação sexual como tema principal das aulas.

Também notamos que a sexualidade/ educação sexual geralmente não é tomada como conteúdo específico das aulas de educação física, contrariando assim os PCNs. Nesse sentido o que prevalece é o desenvolvimento de conteúdos que, as vezes, permitem o surgimento da temática.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou analisar a produção científica sobre educação sexual nas aulas de Educação Física publicizados pelo Grupo de Trabalho Temático Gênero, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, publicados nos anais das edições do Congresso Brasileiros de Ciências do Esporte (Conbrace), entre os anos de 2015 e 2019.

Para isso, delimitamos dois objetivos específicos: 1) Averiguar quais estudos sobre educação sexual em aulas de educação física foram publicizados na história do GTT-7 (Gênero), nas três últimas edições do Conbrace; 2) Verificar quais os encaminhamentos propostos pelos estudos no que se refere ao trabalho com educação sexual no componente curricular Educação Física.

Desta maneira após a coleta dos dados e a separação dos mesmos foi possível identificar 12 trabalhos sobre a temática nas três últimas edições do Conbrace analisadas.

Os trabalhos dizem respeito a diferentes temas relacionados à sexualidade, tais como: trabalhos que discutiram o tema sexualidade a partir dos conteúdos clássicos da educação física; propostas que visaram trabalhar gênero e sexualidade como conteúdos específicos das aulas; trabalhos que representaram a sexualidade na visão dos direitos humanos e reconhecimento das diferenças; trabalhos sobre a representação de professores/as sobre as temáticas de sexualidade e gênero.

No entanto, na busca para responder o segundo objetivo específico, vale ressaltar que poucas pesquisas apresentaram encaminhamentos que possibilitem aos professores/as pensarem em estratégias para o desenvolvimento da sexualidade como conteúdo específico das aulas de Educação Física na educação básica.

A abordagem dos conteúdos nas aulas deve abranger além da prevenção a saúde uma metodologia que busque a promoção do diálogo, a construção de indivíduos críticos com a capacidade de reflexão de todos os temas ligados a educação sexual. Alguns temas que poderiam ser abordados na aulas de educação física que se refere à educação sexual poderiam ser violência sexual e infantil, o corpo humano e os estereótipos sexuais impostos pela sociedade. Defendemos que esse tipo de trabalho não sejam encarados como trabalhos extracurriculares, mas sim como conteúdos trabalhados dentro de cada proposta de ensino ao longo do ano letivo, adequado para cada faixa etária da educação básica.

Cabe destacar também que a educação física na escola precisa ampliar os seus estudos sobre corpo, gênero e sexualidade, todavia, para que isso possa ocorrer também é preciso pensar na formação de professores/as de educação física a partir dessas discussões.

Pesquisar e entender essa temática no período da minha formação possibilitou o entendimento da importância do debate dentro e fora dos muros das escolas sobre educação sexual. Proporcionando a construção da profissional que desejo me tornar, me preparando para trabalhar e discutir a temática dentro da educação formal.

Realizar uma pesquisa na condição de aluna da graduação foi extremamente difícil, encontrando diversos obstáculos até o presente momento. Não apenas na forma de escrever, fazer a ligação e junção dos pensamentos e estudos de forma clara, mas também compreender como se é construído um trabalho científico, e depois desses meses estou feliz e orgulhosa do trabalho que construí com ajuda e encaminhamentos do meu orientador.

A partir dos meus estudos, observei o quão importante é a realização da graduação e a educação continuada para embasamento científico e termos como abordar qualquer temática que se faça necessário na construção de um aluno crítico ao longo da educação básica. A pesquisa me trouxe alguns questionamentos: como está sendo construído os currículos na licenciatura em Educação Física em relação à abordagem das temáticas de gênero e sexualidade? Como está sendo construído e desenvolvido tais conteúdos na educação básica? Questões importantes, todavia, para iniciar uma outra pesquisa!

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. *Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575- 585, 2001. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641>. Acesso em: 12 set. 2019.
- AMORA, A. S. *Mini dicionário Soares Amora da língua portuguesa*. 20. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.
- BADOLOTTI, R. M.; TONDIN, C. F. *Representações de profissionais da educação sobre sexualidade e gênero*. Revista Ibero-americana de Estudos em Educação, Araraquara, SP. v. 69, n. 2, p. 167-182, Out. 2015. Disponível em: <<https://rieoei.org/RIE/article/view/144>>. Acesso em: 17 set. 2020.
- BALESTRIN, P. A.; SOARES, R. F. R. *Gênero e sexualidadenas práticas educativas*. Revista Retratos da Escola. Brasília, v.9, n. 16, p. 47- 61, jan./jun., 2015. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/483>>. Acesso em: 20 jul. 2020
- BALDOSCHI, R. M. *Orientação sexual nas aulas de educação física escolar*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro. Rio Claro, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119969/000743439.pdf?sequence=1&isAllo wed=y>>. Acesso em: 02 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. 1996.p.126. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2019.
- CESAR, A. R. M. Gênero, sexualidade e educação: *notas para uma “ Epistemologia”*. Revista Educar. ed UFPR. n 35,p. 37-51,2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602009000300004>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J-P; GROULX, L-H.; MAYER, R.; PIRES, A. A pesquisa qualitativa: *enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, p. 2008. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1932953/mod_resource/content/1/CELLARD%2C%20Andr%C3%A9_An%C3%A1lise%20documental.pdf> Acesso em: 12 nov. 2019.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), 19; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), 6, Vitória, Espírito Santo, Anais: *Funk “da” escolar: uma experienciar de ressignificação*, ano 2015, p. 1-3.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), 20; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), 7, Goiânia, Goiás, Anais: *Temas transversais nas aulas de educação física: sexualidade e gravidez na adolescência*, ano 2017,p. 2110-2114.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), 20;
CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), 7, Goiânia,
Goias, Anais: *Gênero e sexualidade como conteúdos na educação física escolar: intervenções e possibilidades*, ano 2017, p. 2214-2218.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), 20;
CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), 7, Goiânia,
Goias, Anais: *O corpo travesti na educação física escolar*, ano 2017, p. 2219-2223.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), 20;
CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), 7, Goiânia,
Goias, Anais: *Corpo, gênero e heteronormatividade: cenas de uma escolar em Goiânia*, ano 2017, p. 2247- 2249.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), 20;
CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), 7, Goiânia,
Goias, Anais: *Práticas corporais de Aventura: a experienciar do pibid educação física com ensino médio*, ano 2017, p. 2254-2256.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), 21;
CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), 8, Natal, Rio
Grande do Norte, Anais: *Gênero, educação física e educação intercultural: articulações possíveis*, ano 2019, p. 1-5.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), 21;
CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), 8, Natal, Rio
Grande do Norte, Anais: *A relação entre gênero e a participação nas aulas: “participative@s, participad@s ou partímid@s?”*, ano 2019, p. 1-5.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), 21;
CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), 8, Natal, Rio
Grande do Norte, Anais: *Ginástica rítmica e gênero: um relato experimentado na escolar de formação básica e tecnológica*, ano 2019, p. 1-5.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), 21;
CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), 8, Natal, Rio
Grande do Norte, Anais: *Gênero na educação infantil: problematizando o discurso docente e os impactos na educação física escolar*, ano 2019, p. 1-5.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), 21;
CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), 8, Natal, Rio
Grande do Norte, Anais: *Dentro e fora da fronteira: corpos que subvertem a norma hegemônica de gênero e sexualidade nas aulas de educação física*, ano 2019, p. 1-5.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE), 21;
CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE), 8, Natal, Rio
Grande do Norte, Anais: *O poder (social) do corpo atuante nas aulas de educação física*, ano 2019, p. 1-5.

DARIDO, S. C. *Temas transversais e a educação física escolar. Conteúdos e didática de educação física*. UNESP, s.d, p. 76- 89. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41550/1/01d19t04.pdf>>. Acesso: 31 ago. 2020

DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. Caminhos teóricos e políticos do trato com a sexualidade na educação física: uma análise inicial das produções na área(2001-2015). In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (org.). *Educação física e sexualidade: desafios educacionais* 1. Ijuí: ed. Unijuí, cap. 1, p. 23-49, 2017.

FIGUEIRÓ, M. N. D. (org.). *Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade*. Londrina: Ed. UEL, 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. *Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio*. 2. ed. Londrina: Ed. EDUEL, 2001.

FIGUEIRÓ, M. N. D. *Formação de Educadores Sexuais: adiar não é possível* – Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel (Coleção Dimensões da Sexualidade), 2006.

FURLANI, J. Educação sexual: *quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular*, Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 283- 317, jan./ jun. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewArticle/10308>>. Acesso em: 13 set. 2019.

FURLANETTO, M. F; LAUERMAN, F.; COSTA, C. B.; MARIN, A. H. Educação sexual em escolas brasileiras: *revisão sistemática da literatura*. Caderno de Pesquisa, São Leopoldo, v.48, n. 168b, p. 550-571, abr./jun., 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v48n168/1980-5314-cp-48-168-550.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2020

FUCHS, A. M. S.; FRANÇA, M. N.; PINHEIRO, M. S. F. *Guia para normalização de publicações técnico- científicas*. Uberlândia; Ed. Edufu, 2013.

GARCIA, R. M.; MONTEIRO, L. B.; MORAIS, V. S. C. L.; JÚNIOR, R. S.; PEREIRA, E. G. B. *Revista Arquivos em Movimento- EEFDF/UFRJ*, v. 15, n. 2, p. 38-55, Jul/Dez, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/340021063_EDUCACAO_FISICA_ESCOLAR_A_DANCA_E_O_BALLET_CLASSICO_POSSIVEIS_INTERLOCUCOES_A_LUZ_DAS_RELACOES_DE_GENERO>. Acesso em: 17 set. 2020.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, ed. 6, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-s-ocial.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de administração de empresas*. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./ jun., 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004. Acesso: 12 out. 2019.

GONÇALVES, B. H.; TORTOLA, E. R. C. *Dificuldades de professores/as de educação física para o trato com o tema sexualidade no contexto escolar*. Simpósio Internacional de Educação Sexual: Feminismos, identidades de gênero e políticas públicas. Universidade Estadual de Maringá. Abril. 2015.

GOELLNER, S. V. Corpo, gênero e sexualidade- educando para a diversidade. In: *Fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo: da reflexão a prática*. OLIVEIRA, A. A.; PERIM, G. L. (Orgs.). Maringá, Pr. Eduem, p. 73-88, 2009.

LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M.; BENDIN, R. C. Sexualidade e orientação sexual na escolar em foco: *algumas reflexes sobre a formação de professores*. Revista Linhas- Formação de educadores e educação sexual, Florianópolis, v.11, n. 01, p. 36-52, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2015>. Acesso em: 20 abr. 2020.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade, e educação: *uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. Ed. Petrópolis; Ed. Vozes, 2003.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: *pedagogias contemporâneas*. Pro-posições, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2020.

MACEDO, C. G.; GOELLNER, S. V. Gênero e educação Física: *inclusão da temática nos Conbraces*. Apresentado no VI Congresso sul brasileiro de ciências do esporte. Matinhos, set. 2014. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/downloadSuppFile/5907/4381>. Acesso em: 15 nov. 2019

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: *princípios para a ação*. Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação, v. 15, n. 1, p. 41-51, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/12736279/Educa%C3%A7%C3%A3o_Sexual_princ%C3%ADpios_para_a%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 01 ago. 2020.

MAIA, A. C. B.; EIDT, N. M.; TERRA, B. M.; MAIA, G. L. *Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural*. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 1, p. 151-156, jan./ mar., 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000100017. Acesso em: 01 ago. 2020.

MARTINS, C. B. G.; FERREIRA, L. O.; SANTOS, P. R. M.; SOBRINHO, M. W. L.; WEISS, M. C. V.; SOUZA, S. P. S. Oficina sobre sexualidade na adolescência: *uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio*. Revista Mineira de Enfermagem, v. 15, n. 4, p. 573-578, out./dez. 2011. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/v15n4a14.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2020.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. Metodologia do trabalho científico: *Fundamentos de metodologia científica*. 5 ed., São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view Acesso em: 01 nov. 2019.

MARTINS, C. B. G.; SOUZA, S. P. S. Adolescente e sexualidade: *as possibilidades de um projeto de extensão na busca de uma adolescência saudável*. Revista Avances en enfermería, v. XXXI, n. 1, jan./ jun., 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/aven/v31n1/v31n1a16.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

MELLO, L. L. C. C. Os anais de encontros científicos como fonte de informação: *relato de pesquisa*. Revista de Biblioteconomia de Brasília. Brasília, v. 20, n.1, p. 53-68, 1996. Disponível: <file:///C:/Users/04463/Downloads/pdf_70a06ead2e_0008832-analise-anais.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GÓMEZ, C. Díficeis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, A. M. H. (org.). O clássico e o novo: *tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p.117- 42. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2019.

MORGADE, G. Políticas de educação sexual integral: *saberes, práticas e corpos em tensão*. Revista Retratos da Escola, Brasília, v.9, n. 16, p. 63-71, jan./jun., 2015. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/484>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

PRADO, V. M. “Fica no gol para pega as bolas”: educação física escolar e o dispositivo da (homo)sexualidade. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (org.). Educação física e sexualidade: *desafios educacionais* 1. Ijuí: ed. Unijuí, cap. 5, p. 109-129, 2017.

PRADO, V. M.; RIBEIRO, A. I. M. Gênero, sexualidade e Educação Física escolar: *um início de conversa*. Revista Motriz, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 402- 413, abr./jun., 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/04463/Downloads/3517-Article%20Text-16214-1-10-20100422.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: *além da informação*. São Paulo: Ed. EPU, 1990.

RIBEIRO, M. *Educação Sexual e Metodologia*. [s.d]. Disponível em: <http://www.reprolatina.institucional.ws/site/respositorio/materiais_apoio/textos_de_apoio/Educacao_Sexual.pdf>. Acesso em: 20 out 2019.

RODRIGUES, L. H.; GALVÃO, Z. Novas formas de organização dos conteúdos. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. Educação Física na escola: *implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 80-101.

SANTOS, L. I; MATTHIESEN, Q. S. Orientação sexual e educação física: *sobre a prática pedagógica do professor na escola*. Revista Educação Física/ UEM, Maringá, v.23, n. 2, p.205-215, 2 trim. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/refuem/v23n2/05.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2019.

SILVA, Q. P. E. Corpo e sexualidades: *experiências em salas de aula de ciências*. Revista Periódicus, 2 ed. Nov/2014- Abr/2015. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/viewFile/12883/9195>>. Acesso em: 10 out. 2019.

SOUZA, V. *Adolescentes em cena: uma proposta educativa no campo da saúde sexual e reprodutiva*. Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. São Paulo, v.45, n. 2, p. 1716- 1721, dez., 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45nspe2/14.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2020.